



Nos difíceis tempos em que sobrevivemos, o Colectivo Libertário de Évora surge da necessidade de recriar uma alternativa popular que existiu outrora e que na última dezena de anos tem vindo a ser abafada e intencionalmente mal interpretada pela escola da democracia representativa.

Enquanto colectivo libertário, tentamos organizar uma série de diferentes actividades e eventos promotores do apoio mútuo e da autogestão, entre eles, passagem de documentários e filmes, organização de debates, oficinas de workshop, criação de bancos de sementes, zines, jantares, feiras e concertos.

Sendo libertário, ou seja, anarquista, o colectivo funcionará horizontalmente, sem hierarquias, promovendo a democracia directa entre tod@s @s que nele queiram participar.

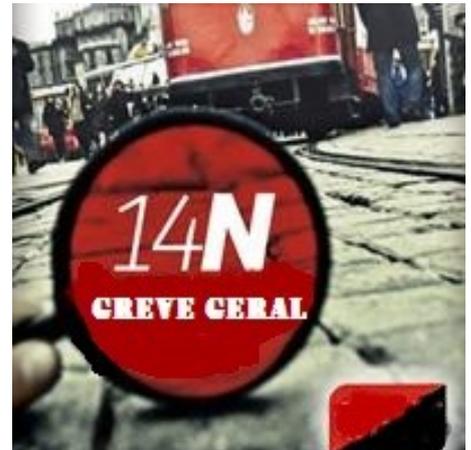
Greve geral ibérica de 14 de Novembro

Contra a miséria!

Greve geral laboral, social, política e ao consumo

Consideramos que a greve geral ibérica marcada para o dia 14 de novembro é importante, sobretudo porque junta pela primeira vez numa jornada de luta trabalhadores de um e de outro lado da fronteira e porque a esta convocatória, promovida pelos sindicatos do sistema (CGTP, em Portugal, e CCOO e UGT, em Espanha), se associaram sindicatos e organizações de trabalhadores que contestam o sistema autoritário em que se ergue a actual sociedade, tais como a CNT, a CGT e inúmeros colectivos anti capitalistas e anti-autoritários

No entanto, a luta contra a austeridade, a degradação das condições de vida, a miséria e por outro modelo de sociedade, não pode acabar aqui. A luta tem que continuar todos os dias até que este regime económico fascista, encoberto pelo



manto da democracia, seja finalmente derrotado. Está em jogo o futuro das nossas vidas. Cidadãos, acordai! Chegou a hora de lutar nos todos os dias e em cada lugar onde possa ser combatida esta doença chamada capitalismo. Está nas tuas mãos mudar o rumo.

Organiza-te, luta, resiste!

Dia 13 de Novembro

Sessão de Apresentação Pública do Colectivo Libertário de Évora

Vai ter lugar na próxima terça-feira, dia 13 de Novembro, a partir das 21 horas, na Associação "É neste país", em Évora, a apresentação pública do Colectivo Libertário. A sessão começará com a passagem do filme "Terra e Liberdade", baseado no livro "Homenagem à Catalunha" de George Orwell, sobre a Revolução Espanhola e os sangrentos acontecimentos de Maio de 1937 em Barcelona. A sessão é aberta a todos. Contamos com a tua presença.

COLECTIVO LIBERTÁRIO ÉVORA
PELO APOIO MÚTUO E AUTOBASTÃO

13 de Novembro
Associação Cultural | É Neste País
Rua da Carrodora 8 | Évora

21.00h
Terra e Liberdade (1935)
Homenagem à Revolução Espanhola e aos acontecimentos de Maio de 1937 em Barcelona. Baseado no livro "Homenagem à Catalunha" de George Orwell.

22.30h
Apresentação do Colectivo
Conversa Debate

Para a nossa apresentação de apresentação, a partir das 21h, vamos passar o filme "Terra e Liberdade" (1935) baseado no livro "Homenagem à Catalunha" de George Orwell, sobre a Revolução Espanhola e os acontecimentos de Maio de 1937 em Barcelona. A sessão é aberta a todos. Contamos com a tua presença.

Levamos um mundo novo nos nossos corações - Durruti



Há toda a diferença entre o anarcosindicalismo e o sindicalismo reformista

Nos sindicatos anarcosindicalistas não há funcionários pagos e todas as decisões são tomadas em Assembleias de base. Em vez do sistema representativo utilizam-se os métodos da democracia e da acção directa.

A apenas alguns dias da greve geral ibérica (a que se juntou também uma das confederações sindicais italianas) é preciso salientar a diferença entre a organização sindical em Portugal e no Estado Espanhol. Em Portugal, por pressão do PCP e de sectores ligados à CGTP, logo a seguir ao 25 de Abril foi proibida a existência de outras centrais sindicais, por força da chamada “lei da unicidade sindical”.

A própria UGT, criada por sindicalistas do PS e do PSD, tardou em aparecer – porque a existência de mais do que uma central sindical era ilegal. A lei foi alterada, mas o mal estava feito e o sindicalismo desacreditado e servindo de mera correia de transmissão dos partidos políticos. (

Em Espanha deu-se exactamente o contrário. O sindicalismo, que tinha sido uma das forças motoras da Revolução de 1936, com a CNT e a UGT, persistiu na clandestinidade e reforçou-se com o aparecimento das Comisiones Obreras, surgidas nas Astúrias após as greves mineiras dos anos 60. As CCOO foram inicialmente controladas pelo PCE, mas com a perda de influência deste partido transformaram-se numa central sindical heterogenea, cujas movimentações vão quase sempre a par e passo com as da

UGT, ainda muito ligada ao PSOE. Este é o chamado “sindicalismo oficial”, mas para além dele existem várias centrais sindicais por todo o Estado Espanhol, sejam de âmbito estatal ou de âmbito regional.

No campo anarcosindicalista existem três centrais, cada uma delas com a sua especificidade. ACNT, a CGT, e a Solidaridad Obrera.

Em Espanha, a lei que rege os comités de empresa assenta numa espécie de parlamentarismo com eleição, nas empresas, dos representantes dos sindicatos, em listas próprias, um pouco como os deputados são eleitos para os vários parlamentos em listas partidárias.

A CNT, na altura, contestou este procedimento, dizendo que ele levava o parlamentarismo burguês para o mundo do trabalho e recusou-se a participar. Esta decisão motivou em 1979 uma cisão naCNT e alguns milhares de militantes abandonaram a central sindical para formarem a CGT, que se transformou na terceira central sindical do país (depois das CCOO e da UGT, e que apresentou em conjunto com estas o pré-aviso para a greve de 14 de Novembro), com mais de 50 mil militantes e centenas de representantes sindicais por todo o país.

A Solidaridad Obrera, foi fundada em

1990, e é uma pequena central sindical, reunindo alguns sindicatos, sediada sobretudo na Catalunha, em Alicante e na região de Madrid, com influência nalguns sectores como os transportes.

No campo do sindicalismo revolucionário merece ainda destaque o Sindicato Andaluz de Trabajadores (SAT), que reúne trabalhadores de diversas correntes, mas que utiliza métodos e práticas anarcosindicalistas, como a prática assemblearia, a acção directa, etc., confluindo muitas vezes em acções com a CNT, a CGT e a SO. Esta influência é mais visível ainda no seu sindicato agrícola – o SOC (Sindicato dos Operários do Campo) – onde as referências e a militância anarcosindicalista são muito fortes.

São estes sindicatos que, na sua diversidade, fazem com que o movimento sindical seja forte e expressivo do outro lado da fronteira, enquanto que em Portugal o reformismo das práticas sindicais – com centenas de funcionários e burocratas sindicais a viverem dos descontos dos trabalhadores – e a falta de alternativas ao bipolarismo sindical têm levado à perda de influência do movimento sindical e ao seu mero papel de instrumento das estratégias partidárias – sejam elas do PCP (CGTP), ou do PS/PSD (UGT).



Crise? É o sistema capitalista que está em crise.

Nos últimos anos, a pretexto da crise, os trabalhadores portugueses e europeus têm visto o seu nível de vida diminuir e perdido direitos, que pareciam definitivamente assegurados pelo capitalismo e pela sociedade de “bem estar”, tão relevantes como o acesso à saúde, ao emprego, à cultura, à reforma.

Hoje a crise é do próprio sistema capitalista que, como facilmente se percebe, não consegue responder às necessidades da sociedade actual nem encontrar soluções para dar respostas aos cenários que foi construindo: uma economia paralisada, uma



dívida que, como está a ser gerida, nunca mais vai conseguir ser paga, os mais elementares direitos de quem trabalha postos de lado, fazendo de todos nós “carne para canhão” da voragem capitalista.

A nível europeu, parece claro que aqueles que nos trouxeram até este autêntico retrocesso civilizacional, que tem sido a marca dos últimos anos, não estão em condições de se

apresentarem como solução, uma vez que eles e as suas políticas são parte do PROBLEMA, nalguns casos. Noutros são eles o próprio PROBLEMA. Impõem-se, por isso, novas alternativas e novas propostas políticas e sociais, construídas a partir da base, das fábricas, das escolas, das empresas, da rua, dos bairros, discutidas em assembleias alargadas, com a menor delegação de poderes possível.



Colectivo Libertário de Évora

Semear ideias, construir uma nova sociedade



Para além dos seus membros se incorporarem diariamente na luta por uma sociedade diferente, seja nos locais de trabalho, de residência, nos espaços de cultura e de lazer, o Colectivo Libertário de Évora propõe-se difundir as ideias libertárias e as práticas organizativas que nos são próprias junto da comunidade eborense e recuperar a memória de personalidades e movimentos que ao longo dos anos se bateram por estes ideais.

Em termos mais práticos iremos publicar este boletim, de forma periódica e realizar pelo menos uma vez por mês uma sessão pública (um filme, uma conferência, um debate, etc.), estando a ser programada para a Primavera a realização de

uma semana libertária em Évora (exposições, debates, feira do livro, música alternativa, ciclo de cinema, etc.).

Este colectivo está aberto a todos os que queiram trabalhar em prol de um mundo mais justo, diverso e plural, sem exploração nem dominação. As relações de poder - que estão na base da exploração económica - estão plasmadas em todos os sectores da sociedade actual. Por isso, somos partidários da criação de espaços alternativos, onde se possam esboçar já formas organizativas diferenciadas da sociedade capitalista em que vivemos, tais como cooperativas, comunidades, redes de partilha, grupos de troca e de apoio mútuo, etc.



Faixa anarco-sindicalista (AIT) no cerco ao parlamento, em Lisboa, a 15 de Outubro

Acção directa: É uma forma de activismo que usa métodos mais imediatos para produzir mudanças desejáveis ou impedir práticas indesejáveis na sociedade, em oposição a meios indirectos, tais como a eleição de representantes políticos, que prometem soluções para uma data posterior.

Existem muitas “ferramentas” para pôr em prática a acção directa, entre as quais se salientam:

Greves / Boicotes/ Ocupações dos locais de trabalho/ braços caídos/ Sabotagem/ Corte de estradas / Autogestão de Fabricas e Empresas/ Desobediência Civil / Desobediência Fiscal / Ocupação de casas e espaços abandonados/ Dias ou semanas de «Não Consumo»/Promover a democracia direta /Mercados alternativos de trocas de bens e serviços, etc..

Vós que lá do vosso alto império/ Prometeis um mundo novo/ Calai-vos que pode o povo/ Querer um mundo novo a sério.

Não nos representam!



Desemprego, despejos, cortes nos apoios sociais: é a receita para o desastre que o sector financeiro, o Estado e a classe dominante nos querem impor!

O desemprego no distrito de Évora atinge já os 12 mil trabalhadores e não pára de crescer. Todos os dias há novos desempregados e muitos jovens à procura do 1º emprego. É uma situação de desastre, com muitos casais desempregados, alguns deles a terem que abandonar a casa por não poderem pagar as prestações ao banco.

Noutros países, como em Espanha, há movimentos que impedem que aos desalojamentos e que promovem a

ocupação de casas desocupadas por famílias sem tecto.

Em Évora, muitos jovens e menos jovens estão a regressar a casa dos pais, fazendo que haja alojamentos completamente superlotados enquanto há centenas de casas vazias.

É preciso dar casa a quem a não tem. **Fim aos desalojamentos! Solidariedade para todos os que estão em risco de perderem um tecto para se abrigarem!**

Exemplo de acção directa: acção anti-troika levada a cabo pelo movimento 15 de Setembro, em Évora, em que participaram pessoas de diversos quadrantes políticos, de que resultou o corte de trânsito na Praça do Giraldo





Anarquismo é diversidade



<https://www.facebook.com/planetapodre>

Ao contrário das ideologias autoritárias, de esquerda ou de direita, que estabelecem um conjunto de regras rígidas, uma espécie de teologia, que faz com que nesses grupos seja habitual as “traições”, as “expulsões”, os “revisionismos”, no anarquismo isso não existe. O anarquismo aceita a pluralidade de ideias e maneiras de as expressar, desde que assentes em premissas claras, baseadas na livre organização, no respeito pela liberdade individual e colectiva e na recusa das relações de poder sejam elas económicas, sociais ou políticas.

Por isso todas as manifestações do anarquismo convivem em salutar fraternidade, desde o individualismo ao anarcosindicalismo; do comunismo libertário à ecologia ou aos novos movimentos ligados à alimentação ou ao bem estar animal, passando pelo anarcofeminismo ou pelo punk de raiz anarquista. São várias maneiras de, cada um de nós, participar na vida colectiva e assumir o seu papel na construção de uma vida diferente.

Memória Libertária

José Cebola: um anarquista alentejano

José Sebastião Cebola nasceu a 27 de Outubro de 1877, em Évora, sendo o primogénito dos quinze filhos de um casal pobreíssimo..

Em finais de 1910, com outros camaradas sindicalistas e anarquistas, fundaria a Associação dos Trabalhadores Rurais de Évora, uma das primeiras associações de classe do proletariado rural do País, demonstrando grande capacidade de militância e de trabalho político em prole dos demais.

Elemento destacadíssimo das lutas laborais do proletariado rural desencadeadas durante a fase inicial da I República, organiza as greves de 1 de Junho de 1911, 24 de Janeiro de 1912, 30 de Janeiro de 1916 e 18 de Novembro de 1918.

Seria, igualmente, fundador da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais de Portugal, participando activamente no congresso instituidor de 25 e 26 Agosto de 1912, onde foi eleito membro da Comissão de Propaganda da novel organização, com a missão de percorrer o



Alentejo e Ribatejo a fim de lançar a semente da associação de classe.

Preso e sovado por diversas vezes, faleceu a 20 de Dezembro de 1920, tinha 43 anos de idade, vitimado pelos estragos duma perniciosíssima repressão, mas também devido às colossais cansaças do seu combate revolucionário, durante o qual pôs em risco a sua vida, a sua liberdade e a subsistência da sua família, sempre movido pela chama de melhorar as condições de vida e económicas dos «escravizados dos campos», como dizia. *(adaptado de Joffre Alves - [## A Internacional](http://abril-de-novo.blogspot.pt/2010/02/um-sindicalista-rural-da-i-</i></p>
</div>
<div data-bbox=)*

De pé, ó vítimas da fome!
De pé, famélicos da Terra!
Da ideia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra.
Cortai o mal bem pelo fundo!
De pé, de pé não mais senhores!
Se nada somos, em tal mundo,
Sejamos todos produtores!

(Coro)

Bem unidos, façamos,
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional!

Messias, Deus, chefes supremos,
nada esperamos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
A terra-mãe livre e comum!
Para não ter protestos vãos,
para sair deste antro estreito,
façamos nós, por nossas mãos,
tudo o que a nós nos diz respeito!

(Coro)

O crime de rico a lei encobre,
O Estado esmaga o oprimido:
Não há direitos para o pobre,
Ao rico tudo é permitido.
À opressão não mais sujeitos!
Somos iguais todos os seres.
Não mais deveres sem direitos,
Não mais direitos sem deveres!

(Coro)

Abomináveis na grandeza,
Os reis das minas e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha.
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu
Querendo que ela o restituia,
O povo só quer o que é seu.

(Coro)

Nós fomos de fumo embriagados.
Paz entre nós, guerra aos senhores!
Façamos greve de soldados!
Somos irmãos trabalhadores!
Se a raça vil cheia de galas
Nos quer à força canibais,
Logo verá que as nossas balas
São para os nossos generais!

(Coro)

Somos o povo dos ativos,
Trabalhador, forte e fecundo.
Pertence a terra aos produtivos:
Ó parasita, deixa o mundo!
Ó parasita, que te nutres
Do nosso sangue a gotejar,
Se nos faltarem os abutres,
Não deixa o Sol de fulgurar!

(Coro)

Tradução: Neno Vasco



Paideia: uma escola libertária de referência

A escola infantil Paideia começou a funcionar em Mérida em 1978. É uma escola de referência da pedagogia libertária a dois passos do Alentejo. Inspira-se nas ideias do pedagogo anarquista Francisco Ferrer y Guardia fuzilado em Montjuich (Barcelona), em 1909, tendo havido violentos e massivos protestos em Portugal pela sua execução.

Hoje as suas ideias permanecem vivas e actuais. Francisco Ferrer defendia que a educação deve permitir a que cada um de nós possa “aspirar a viver vidas múltiplas numa só vida”. Agostinho da Silva, enquanto livre pensador, partia também de pressupostos muito idênticos.

A escola livre Paideia funciona de forma autogerida, isto é, não segue os costumes ou métodos da educação oficial, seja estatal ou privada, tanto ao nível das crianças como relativamente ao coletivo constituído pelos adultos.

Este coletivo é composto por pessoas que realizam o seu trabalho na escola a tempo inteiro e por outras pessoas que tem outros empregos fora da escola e que se incorporam na dinâmica da escola, em horário pós-laboral. Esses são geralmente a maioria dos membros dadas as condições actuais.

As pessoas que possuem outro trabalho, além de colaborarem com a dinâmi-



ca educativa, ajudam economicamente a escola, uma vez que a sua situação é frequentemente deficitária. A responsabilidade é dividida em todos os aspectos; as decisões são coletivas e tomadas em assembleias, cada pessoa dá segundo suas possibilidades e recebe conforme suas necessidades.

Como a contribuição dos pais e mães é a menor possível e deve cobrir áreas como o Transporte escolar, pequeno almoço, almoço, lanche, material escolar, obras e desgastes do espaço físico, a remuneração das pessoas que trabalham na escola, é feita da seguinte maneira:

Todos os gastos são pagos e o que sobra é dividido entre as cinco pessoas que trabalham na escola em tempo integral. Levando em linha de conta que a remuneração das pessoas da cooperativa se reflecte nos seus gastos fixos mensais e outros extraordinários,

o dinheiro necessário tem a ver com situação e as necessidades que a escola tem em cada momento, e depende muito do número de alunos que a frequentam. Atualmente existem 31 pessoas nos níveis primário e secundário e 15 na educação infantil.

Além destas formas de captação de recurso existem outras: algum@s pais/mães nos entregam uma quota de solidariedade, maior que a estipulada. Não que seja muito, mas ajudam, principalmente, quando existem outras pessoas com dificuldades económicas pontuais ou permanentes. Porque ninguém deixa de ir a escola por questões económicas, já que o Coletivo sempre assume estas situações quando acontecem.

Alguns coletivos libertários, certas individualidades libertárias ou anarquistas, ajudam-nos com alimentos, materiais ou algum dinheiro que aliviam um pouco nosso constante déficit. Outro coletivo, adjunto a escola, é o das Mulheres pela Anarquia, composto por todas as mulheres do Coletivo Paideia e algumas outras muito próximas de nós.

Este coletivo publica periodicamente uma revista "Iguancia" e um panfleto de denúncia "La ortiga libertária".

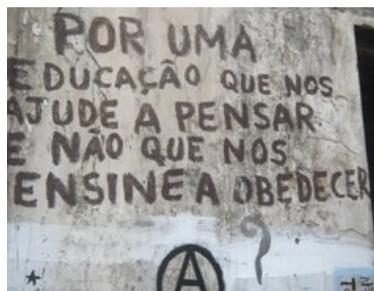
<http://www.paideiaescuelalibre.org/>

Algumas notas sobre a pedagogia libertária

A pedagogia libertária espera que a escola exerça uma transformação na personalidade dos alunos, num sentido libertário e autogestionário (a escola institui, com base na participação dos grupos, mecanismos institucionais de mudança, através de assembleias, conselhos, eleições, reuniões e associações).

Pedagogia Libertária e as Matérias Escolares

As matérias são colocadas à disposição do aluno, mas não são exigidas. São um instrumento a mais, porque o que realmente é importante para a pedagogia libertária é o conhecimento que resulta das experiências vividas pelo grupo. O método de ensino, portanto, dá-se na vivência grupal, é na forma de autogestão que os alunos buscarão encontrar as bases mais sa-



tisfatórias de sua própria aprendizagem, sem qualquer forma de poder. Trata-se de colocar nas mãos do aluno tudo o que for possível. Os alunos têm liberdade de trabalhar ou não, ficando o interesse pedagógico na dependência das suas necessidades ou das do grupo.

Pedagogia Libertária e o Papel do Professor e do Grupo

A pedagogia libertária considera des-

de o início a ineficácia e a nocividade de todos os métodos à base de obrigações e ameaças. Nesse sentido, o professor deve pôr-se ao serviço do aluno sem impor as suas concepções e ideias, sem fazer do aluno um “objecto”, e deve-se misturar no grupo para uma reflexão em comum.

Toda essa liberdade de decisão tem um sentido bem claro. Se um aluno resolve não participar, fá-lo porque não se sente integrado, mas o grupo tem responsabilidade sobre esse facto e tem que colocar a questão em discussão.

Pedagogia Libertária e a Avaliação

O critério de relevância do saber é o seu possível uso prático. Por isso mesmo não faz sentido qualquer tentativa de avaliação da aprendizagem e ainda menos em termos de conteúdos.



COLECTIVO LIBERTÁRIO ÉVORA

PELO APOIO MÚTUO E AUTOGESTÃO

13 de Novembro

Associação Cultural | É Neste País

Rua da Corredoura 8 | Évora

www.facebook.com/ColectivoLibertarioEvora
<http://colectivolibertarioevora.wordpress.com/>

21.00h

Terra e Liberdade (1995)

Ken Loach

Baseado no livro *Homenagem à Catalunha* de Goerge Orwell, o filme adaptado por Ken Loach passa-se durante a chamada guerra civil de Espanha, naquela que foi a mais marcante luta pela liberdade do século XX. O filme revela como foi levada a cabo a revolução social, com o dia a dia nos campos de batalha anti-fascista e a traição dos estalinistas contra as milícias libertárias.

22.30h

Apresentação do Colectivo Conversa/Debate

Face à crise generalizada do capitalismo, e depois de morto o modelo das "democracias populares", que mais não foi do que uma outra forma do capitalismo sobreviver ancorado na ideologia do Estado todo poderoso, é preciso reencontrar alternativas que, aliás, estiveram desde sempre na prática e na teoria dos sectores mais interventivos do movimento social e operário em todo o mundo.



Manifesto

Quem somos, o que queremos, como nos organizamos



Um grupo de cidadãs e de cidadãos, homens e mulheres, reunidos em Évora decidiu constituir-se em colectivo de reflexão e de acção como resposta à constante violação e limitação dos seus direitos e liberdades individuais e colectivas, bem como à constante diminuição da qualidade de vida e de perspectivas de futuro que a maioria dos trabalhadores, estudantes, desempregados, reformados ou simplesmente desocupados hoje enfrentamos.

Face à crise generalizada do capitalismo, e depois de morto o modelo das “democracias populares”, que mais não foi do que uma outra forma do capitalismo sobreviver ancorado na ideologia do Estado todo poderoso, é preciso reencontrar alternativas que, aliás, estiveram desde sempre na prática e na teoria dos sectores mais interventivos do movimento social e operário em todo o mundo.

As experiências autogestionárias, de acção directa, baseadas nas assembleias de base, com o mínimo possível de delegação de poderes, assentes no livre pensamento e na absoluta liberdade de organização, preferencialmente em rede e a partir da base, mantêm todo o seu carácter de inovação e de radicalidade.

É preciso voltar a colocar sobre a mesa questões como o poder e as relações de poder; o Estado; o salaríato; a luta de classes. Reenquadrar a ecologia no contexto global da espécie humana e não apenas em termos de ambiente. Debater a violência e o pacifismo. Perceber como

AUTONOMIA E AUTOGESTÃO



se pode passar de uma sociedade totalitária, onde o poder político e económico agem apenas em função do lucro e não da satisfação das necessidades do conjunto da humanidade, para uma sociedade assente na fruição e na utilização da imensa capacidade tecnológica hoje existente de modo a acabar com o fosso entre rico e pobres, entre fartos e esfomeados, entre os que têm acesso à generalidade dos bens de consumo e os que deles estão excluídos, entre os que detêm o poder e aqueles que são totalmente despossuídos de qualquer grau de influência.

É preciso pensar e perceber o que são os chamados índices de felicidade ou de conforto e de que maneira, cada ser humano, enquanto tal, pode e deve participar, no chamado “banquete da vida”, de que hoje muitos milhões de seres humanos são, logo à nascença, postos à margem.

Queremos perceber também ao detalhe esta sociedade em que nos integramos.

Alentejanos e eborenses consideramos ter muitas palavras a dizer no contexto local, fora dos confrontos da política partidária, onde a natureza dos interesses em jogo é quase sempre idêntica e pouco transformadora. Partindo desta nossa realidade sabemos-nos e sentimos-nos cidadãos do mundo, cosmopolitas, e queremos trazer também até ao espaço que habitamos novas experiências, outras ideias, formas diferentes de sonhar o futuro.

Não nos resignamos ao cardápio das ideias feitas, prontas a consumir, no “self-service” partidário. Fiéis à velha máxima da velha Associação Internacional de Trabalhadores de que a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores ou não o será, consideramos que todos, organizados e intervenientes, temos uma palavra a dizer na condução das nossas vidas e na construção de espaços de encontro e de ruptura com a apatia social e o imobilismo político que parecem caracterizar os dias que correm.

É contra isso que nos batemos e é contra isso que nos vamos bater. A favor de uma vida que valha, de facto, a pena viver. E não a sobrevida que o capitalismo (nas suas mais variadas formas) nos tem para oferecer.

Por tudo isto, prometemos não ficar parados e rasgar novas janelas na imensa planície das ideias e das práticas e convidamos quem esteja de acordo e solidário com este manifesto a juntar a sua à nossa voz.

Évora, Outubro de 2012

“Só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, forem igualmente livres, de modo que quanto mais numerosos forem os homens livres que me rodeiam e quanto mais profunda e maior for a sua liberdade, tanto mais vasta, mais profunda e maior será a minha liberdade.” — Mikail Bakunin